

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A MADRE TERESA DA ANUNCIADA

por

M^a Margarida de Sá Nogueira Lalanda*

A ilha açoriana de São Miguel tem, na actualidade, algumas imagens que de imediato a identificam : geograficamente, qualquer das suas lagoas, vários milhares de anos anteriores à ocupação humana iniciada no século XV; economicamente, o ananás, cujas plantações foram introduzidas no século XIX; culturalmente, a famosa representação do “Ecce Homo” conhecida como “Senhor Santo Cristo dos Milagres”, originária do século XVI e cuja veneração, hoje verdadeiramente marcante, se começou a intensificar no século XVIII por intermédio da freira clarissa Teresa da Anunciada, que desde essa época é considerada Venerável e a caminho de ser formalmente reconhecida como Santa. Adquire, por isso, toda a pertinência o conhecimento desta figura, tanto no seu contexto histórico como nas consequências das suas obras, que ainda presentemente são visíveis e, sobretudo, estruturantes da própria identidade micaelense.

O presente trabalho inicia-se com a exposição das informações geralmente conhecidas e assimiladas pela sociedade da ilha de S.Miguel como sendo a história do Senhor Santo Cristo, em que é incontornável a figura da Madre Teresa da Anunciada; tal surge aqui com a designação de “enredo”, numa acentuação consciente da sua dupla função de entrecho duma narrativa (palco da acção dos protagonistas) e de urdidura, de tecido composto pelas memórias colectivas e pelas vivências pessoais.

* Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade dos Açores.

Da memória colectiva passa-se para as realidades concretas que a fundamentam: as fontes desse saber. Figuram em primeiro lugar as obras publicadas, pois é natural que sejam elas as mais acessíveis a um maior número de elementos da comunidade envolvida. Seguem-se alguns esclarecimentos sobre os seus autores e propósitos. O quadro completa-se com o elenco das fontes pertinentes mas praticamente desconhecidas por estarem manuscritas e inéditas; de entre estas, merece-nos uma análise mais aprofundada uma autobiografia, aqui estudada pela óptica da História¹.

Estando agora definidos os traços estruturantes dos protagonistas do enredo, útil se torna fazer incidir sobre eles outras luzes, a fim de revelar novos ângulos de percepção ou de reforçar as características já evidenciadas: assim se justifica o recurso a outros testemunhos, num cruzamento de olhares que se deseja esclarecedor.

No final do percurso impõe-se reflectir sobre as especificidades deste caso, tendo presentes, em apoteose cénica, todos os intervenientes (históricos, psicológicos, espirituais, sociais).

I – O ENREDO

Hoje em dia, como de há vários anos para cá, as informações gerais que acerca do Senhor Santo Cristo dos Milagres são veiculadas em jornais, revistas, resumos para turistas, reportagens televisivas, “cassetes” de vídeo, diálogos radiofónicos, livros, ou transmitidas por micaelenses a quem se peça indicações sobre o tema, são repetitivas, características de uma realidade muito conhecida e já cristalizada no saber colectivo. Fiquemos cientes, então, daquilo que poderemos encarar como o “enredo” desta manifestação cultural tão enraizada.

No Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança, em Ponta Delgada, existe um busto em madeira representando Jesus Cristo durante a Paixão, com um rosto triste e expressivo, tendo as mãos amarradas sobre o tronco, e ornado com símbolos de realeza : coroa (mas de espinhos), resplendor,

¹ Este trabalho foi elaborado em Maio de 2003 por solicitação do Rev^o Padre Monsenhor Agostinho Tavares, Reitor do Santuário Diocesano do Senhor Santo Cristo, em Ponta Delgada, e do Senhor Dom António de Sousa Braga, Bispo de Angra e Ilhas dos Açores, com o objectivo de constituir a parte histórica do processo de beatificação da Madre Teresa da Anunciada; foi sua condição primordial o ser realizado com a máxima imparcialidade possível. À parte, dois processos de inquirição de testemunhas sobre milagres e outros prodígios foram na mesma ocasião apreciados pelo Dr. Francisco Monteiro segundo os critérios da Teologia.

medalhão peitoral, ceptro, e capa. Esta imagem impressiona primeiramente pela expressão facial e pelo facto de os seus olhos parecerem fitar quem se coloca à sua frente; num segundo momento de contemplação evidenciam-se a perfeição e a magnificência de todos os seus adereços, construídos com uma imensidão de pedras preciosas, pérolas, diamantes e ouro. A imagem terá sido esculpida no começo do século XVI e pouco depois oferecida pelo Papa Paulo III a duas religiosas que terão ido a Roma impetrar a Bula de fundação do primeiro cenóbio feminino desta ilha; crê-se que tenha dado à costa após naufrágio do barco em que seguia. Era inicialmente sacrário, tendo sido depois tapada com um registo a respectiva abertura.

Até finais do século XVII este busto não ocupava qualquer lugar de destaque nas capelas deste mosteiro de Clarissas (a única ordem religiosa feminina presente no arquipélago dos Açores antes das novas fundações dos séculos XIX e XX). A grande responsável pela sua valorização foi uma freira, natural do concelho da Ribeira Grande, que nele ingressou nessa época e faleceu quase em meados de Setecentos, de seu nome Teresa da Anunciada. Considerando que uma imagem do próprio Deus não poderia estar pouco cuidada e que a devoção a Cristo e à Sua Paixão deveria ser incentivada de modo a constituir prática generalizada de todos os crentes, sentiu-se movida por vontade divina a mandar construir uma capela condigna dentro do convento mas visível e acessível aos fiéis leigos; paulatinamente, e sempre com muita oposição da parte de outras religiosas e de algumas abadessas, foi conseguindo esmolas para embelezar a imagem e para a enriquecer através da transformação em jóias dos símbolos régios que, por escárnio, foram colocados em Jesus pelos soldados romanos (a coroa de espinhos, a cana como ceptro, a placa identificativa). A Madre Teresa conversava com Deus, particularmente por esta imagem, e tornou-se uma valiosa intercessora dos crentes; a sua fama de santidade teve início ainda em sua vida e mantém-se, tendo por base a sua grande fé (que os fiéis admiram) e muitas resoluções de problemas pessoais, especialmente de saúde, que são entendidas como um sinal inequívoco de que Deus a estima muito, visto que satisfaz os seus pedidos.

Da vida desta religiosa costumam ser citados alguns passos demonstrativos de fé, humildade, determinação, caridade, e, em simultâneo, da sua proximidade com Deus:

- em criança gostava muito de dar aos pobres;
- tinha prazer em jejuns extremamente rigorosos, como forma de se aproximar um pouco dos sofrimentos de Cristo pela Humanidade;
- por baixo do seu hábito, muito áspero, usava cilícios, e o seu

mobiliário da cela era pobre e desconfortável, estando tudo hoje visível na pequena exposição permanente deste mosteiro;

- quando decorria a obra da edificação da capela do Senhor Santo Cristo deu-se um milagre de multiplicação dos pães necessários para a refeição dos operários;
- a sua enorme devoção contagiou benfeitores, como os Condes da Ribeira Grande, e assim foi sempre conseguindo tudo o que pretendia para que a imagem ficasse com dignidade;
- vários dos seus contemporâneos que a ela recorreram obtiveram de Deus curas ou outras graças;
- as suas relíquias, nomeadamente de pequenos pedaços de tecido cortados aquando do seu falecimento, foram desde logo consideradas protectoras;
- graças a elementos próprios da imagem (como as fitas com a medida da altura desta ou uma das flores de pano que adornam o andor na procissão) ou relacionados com Teresa da Anunciada (como uma folha ou uma flor da roseira por ela plantada, ou pagela representando-a junto ao altar com a imagem) crê-se rezar com maior convicção e, mesmo, poder obter de Deus a satisfação dum pedido;
- o livro que conta a sua vida e intercessões, cuja primeira edição teve lugar vinte e cinco anos após a sua morte, encontra-se muito divulgado e é tido como um valioso guia na caminhada espiritual dos crentes, embora haja quem o utilize como auxiliar em práticas divinatórias (relativas à previsão do futuro próximo ou da favorabilidade de certos dias, ou mesmo ao conhecimento do passado) por se entender que ele fala de todas as pessoas;
- o imenso poder de Deus tem-se feito sentir em múltiplas ocasiões de modo a aliviar os males físicos, psicológicos ou de outros problemas pessoais daqueles que com muita fé a Ele recorrem através da invocação do Senhor Santo Cristo dos Milagres, muitas vezes associado nas orações à freira que lutou pelo Seu culto;
- para os devotos do Senhor Santo Cristo, a Madre Teresa da Anunciada, pela sua vida e, sobremaneira, pelas mediações que lhe são atribuídas “post-mortem”, é, claramente, uma santa, aguardando-se apenas o reconhecimento pelas devidas autoridades eclesíásticas de algo que se afigura àqueles como uma evidência.

II – AS FONTES

Sobre a Madre Teresa da Anunciada e o culto ao Senhor Santo Cristo dos Milagres existem numerosos textos, uns publicados e outros inéditos.

De entre os editados, e para além de muitos artigos pequenos publicados em revistas e em jornais (que, quase sempre, resumem o conhecimento comum ou/e retomam os escritos de anos anteriores, com ou sem renovação de fotografias das festas, da procissão, do andor, da imagem e da sua actual zeladora), de algumas referências circunstanciais, de alguns artigos e opúsculos sobre certos aspectos pontuais, e dos textos gerais de divulgação que acompanham obras essencialmente fotográficas, salientemos por ordem cronológica os livros que ao assunto são totalmente dedicados:

- 1) CLEMENTE , José , *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada, escrita e dedicada ao SENHOR SANTO CRISTO com a invocação do Ecce Homo* . 1ª edição: Lisboa, 1763; a edição mais recente: 21ª, Ponta Delgada, 2002, com anotações de Hugo Moreira. Popularmente esta obra é conhecida como “O Livro do Senhor Santo Cristo”. Tendo por base a 12ª edição, a segunda de 1939, foi publicado em 1989 e 1990 por Francisco Almeida um opúsculo com título diferente do original: *Ecce Homo. História da Devoção e Milagres do Senhor Santo Cristo, transcritos do livro Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada, escrito em 1762 pelo Presbítero José Clemente*.
- 2) DIAS , Urbano de Mendonça , *Madre Teresa d’Anunciada. A Freira do Senhor Santo Cristo dos Milagres, cuja imagem se venera no Convento de Nossa Senhora da Esperança, de Ponta Delgada*. Vila Franca do Campo, 1947.
- 3) MASCARENHAS , J. Fernandes , *Santo Cristo. Subsídios para o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho*. Lisboa, 1971.
- 4) ROGERS , Maria da Ascensão Carvalho , *A História do Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres*. Ponta Delgada, 1978 [com prólogo de Hugo Moreira].

- 5) *Vida e Virtudes da Madre Teresa d'Anunciada, a Freira do Senhor Santo Cristo dos Milagres*. Ponta Delgada, 1987 [edição do Convento de Nossa Senhora da Esperança, com supervisão e parte dos textos de Jacinto de Almeida, Cónego, Reitor do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres; reedição em 1992].
- 6) MOREIRA, Hugo, *O Convento de Nossa Senhora da Esperança. Imagem e Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Colectânea de artigos* [do Autor, publicados em jornais e revistas entre 1960 e 2000]. Ponta Delgada, 2000.

Detenhamo-nos um pouco na apresentação crítica destas obras e autores.

José Clemente era um padre, Mestre em Teologia, da Congregação do Oratório (fundada por S.Filipe Néry logo após o Concílio de Trento e introduzida em Portugal em meados do século seguinte pelo padre micaelense e célebre pregador seiscentista Bartolomeu do Quental), a qual no século XVIII em Portugal disputava aos Jesuítas a titularidade de cátedras universitárias, sendo também concorrente destes nos outros graus de ensino. Ao saber que a 4ª Condessa da Ribeira Grande fazia diligências para encontrar um biógrafo da Madre Teresa da Anunciada (de cujas virtudes era admiradora e de quem o marido e os pais dele foram benfeitores nas beneficiações do espaço de culto do Senhor Santo Cristo), este teólogo ofereceu-se para essa tarefa, que concluiu em 1762 e cujas imprescindíveis licenças para impressão foram obtidas de então até 1763. Nas palavras introdutórias que escreve comunica-nos, entre outras questões, que dedica a obra ao Santo Cristo dos Milagres por ter sido essa a insinuação da mecenas, e que se baseou, principalmente, nas memórias escritas pela biografada, que completou com os processos [que sabemos serem os dois inquéritos realizados em 1740, por ordem do Provincial Franciscano e do Bispo dos Açores, separadamente, para se recolherem testemunhos relativos à fama de santidade e virtudes da recém-falecida e de que falaremos mais adiante] e com alguns manuscritos avulsos. Ao longo da obra, como perito em Teologia, comenta as atitudes e as características psicológicas e morais da Venerável Teresa da Anunciada e nelas faz realçar, ao escrever as últimas linhas, que «foram as suas virtudes e milagres, enquanto viveu, testemunhos irrefragáveis da sua santidade [...], e são depois da morte padrões indeléveis».

Só quase duzentos anos depois da publicação desta *Vida da Venerável*[...], que foi conhecendo numerosas reedições nos séculos XIX e

XX², veio a lume outra obra de vulto sobre a Madre Teresa, graças ao advogado micalense Dr. Urbano de Mendonça Dias. Este investigador não se limitou ao trabalho do Padre Clemente: manuseou com atenção os documentos, como se prova por anotações que fez nalguns dos existentes no Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança. O seu interesse era fundamentalmente historiográfico e educativo: bom conhecedor de muitos aspectos organizativos, sociais, administrativos, culturais e políticos da História dos Açores, as suas pesquisas e reflexões aliavam as informações que recolhia nos arquivos às dos livros de outros estudiosos e às suas vivências, e publicou na primeira metade do século XX um bom número de livros em que as divulgava com o objectivo duplo de informar e formar os leitores quanto às particularidades do passado das gentes da ilha de S.Miguel, no quadro concreto dos Açores.

Carácter completamente diferente dos anteriores têm os dois trabalhos que vieram a lume a seguir. O de Fernandes Mascarenhas estabelece uma comparação entre duas imagens do “Ecce Homo” veneradas em locais tão distantes quanto os Açores e o Algarve, originalidade interessante mas que não acrescenta mais-valia ao que já sabíamos para o caso micalense. Curiosamente, desconhecemos qualquer estudo comparativo entre este e um outro açoriano, muito mais recente, na ilha Graciosa.

O propósito de Maria da Ascensão Rogers é uma outra divulgação: a das práticas culturais e graças relacionadas com o Senhor Santo Cristo dos Milagres, de Ponta Delgada, pelas comunidades de migrantes açorianos, em especial de S.Miguel, na América do Norte. Trata-se, pois, da extensão deste culto à diáspora, para quem ele funciona como congregador e identitário no meio de comunidades diferentes dos pontos de vista linguístico, comportamental, cultural e nacional. Aliás, a edição da *Vida da Venerável[...]* com título alterado deve-se também a um imigrante nos Estados Unidos, Francisco de Almeida. Ambos parecem sentir necessidade de registar quer o presente (como se mantém viva esta devoção fora do seu lugar de origem, embora adquirindo um carácter menor de memorial, e como ela continua a ser alvo da ajuda divina, directamente ou com intercessão de Teresa da Anunciada), quer o passado (a história do culto no seu iní-

² A obra do Padre José Clemente existia em bibliotecas conventuais mesmo de outras Ordens religiosas: a investigadora brasileira Leila Mezan Algranti encontrou-a, na edição de 1763, no Carmelo do Rio de Janeiro, como se vê no seu interessante estudo «Os livros de devoção e a religiosa perfeita (normatização e práticas religiosas nos recolhimentos femininos no Brasil colonial)» (In *Cultura Portuguesa na Terra de Santa Cruz*, coord. de Maria Beatriz Nizza da Silva, Lisboa, Estampa, 1995, pp. 109-124, em especial nota 47).

cio é objecto do prólogo do livro de Rogers e de todo o texto editado por Almeida). Os livros em apreço serão, assim, um contributo consciente para manter unida em termos religiosos a comunidade deslocada, para a fortalecer na sua sensação de prolongamento da comunidade de origem e para enriquecer esta com a boa nova das graças além recebidas³.

Já o espírito que presidiu à feitura da obra do Padre Clemente é o mesmo que claramente se encontra na *Vida e Virtudes da Madre Teresa d'Anunciada [...]*, com primeira edição em 1987. É seu promotor o então Reitor do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres a funcionar no Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança, Cónego Jacinto Almeida, falecido na década seguinte. Os textos são de mais do que um autor, destacando-se o mesmo sacerdote (no que respeita a resumos dos processos de inquirição de testemunhas em 1740, e à apresentação de diversos relatos de graças recebidas na segunda metade do século XX), o Padre Clemente (através de extractos e resumos do seu livro) e o investigador Dr. Hugo Moreira (parte histórica). Vivia-se então, por parte dos muitos devotos do Senhor Santo Cristo dos Milagres, um clima de grande dinamismo com vista à canonização da Madre Teresa da Anunciada, que se acreditava estaria, finalmente, para muito em breve⁴; foram recolhidos e organizados os depoimentos relativos a graças recentes, e transcritos ou/e dactilografados, num ou noutro caso com enriquecedoras anotações, os documentos históricos importantes para este desiderato. Não é por acaso que uma reedição desta *Vida e Virtudes [...]* se torna necessária no curto espaço de cinco anos: a sua procura é grande.

A terminar a lista dos livros exclusivamente sobre a Madre Teresa da Anunciada e o culto ao Senhor Santo Cristo dos Milagres temos a citada [...] *Colectânea de artigos*, de Hugo Moreira. Este investigador, profunda-

³ Esta parte do trabalho encontrava-se já redigida quando o diário “Correio dos Açores”, de Ponta Delgada, de 15 de Maio de 2003, publicou parte de um artigo do actual Bispo dos Açores, D. António de Sousa Braga, na revista “Saber Açores” de Maio de 2003, de que se destacam com pertinência certa para este assunto as seguintes afirmações: «a permanência da devoção ao Senhor Santo Cristo mostra que o grande baluarte da fé, entre nós, é ainda a piedade popular»; «para crentes e não crentes,[...] a Festa do Senhor Santo Cristo constitui um momento celebrativo forte da sociedade, sobretudo micaelense e até mesmo da diáspora açoriana. É uma afirmação de identidade e de sentido de pertença, um regresso às raízes e a busca do Transcendente»; «a sociedade açoriana está profundamente marcada pelo Catolicismo Popular, que ainda é um firme quadro de referência de valores perenes».

⁴ Já em 1984 fora erigida e colocada do lado de fora do mosteiro, no denominado “Campo de S. Francisco”, uma estátua sua de corpo inteiro, graças às ofertas específicas dos devotos e ao grande empenho de alguns deles.

mente empenhado neste culto, teve durante décadas o mérito de funcionar como uma espécie de guardião e transmissor da memória histórica colectiva micaelense, e sobretudo ponta-delgadense, quanto a este assunto, por intermédio das pesquisas essencialmente genealógicas e de inserção histórica que fazia nos arquivos e que publicava habitualmente sob a forma de artigos de jornal por ocasião da festa anual do Senhor Santo Cristo, em Maio. Muito instado por diversas pessoas para escrever um livro de fôlego ou, pelo menos, para compilar os seus escritos de quarenta anos, decidiu-se em boa hora a fazê-lo em 2000, cerca de ano e meio antes de falecer.

Da Venerável Madre Teresa da Anunciada dão igualmente testemunho textos manuscritos, por enquanto inéditos. Encontram-se quase todos em Ponta Delgada no Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança e no anexo Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres. São eles:

- a) AUTOBIOGRAFIA – A designação não será totalmente correcta. A Madre Teresa da Anunciada recebeu ordem do seu confessor para expôr por escrito todos os momentos mais importantes da sua vida na óptica da religiosidade, à maneira de uma biografia, para que quem lesse o relato das suas vivências glorificasse Deus. Existem no Arquivo do Santuário vários cadernos de folhas, não encapados nem cosidos, cobertos por uma caligrafia miúda, que devem ser o cumprimento desta ordem, e que parecem menos completos do que um códice também aí existente, escrito com uma caligrafia bonita e mais grada, que descreve situações ocorridas desde a infância da serva de Deus até pouco antes do seu falecimento. Como ela afirma «a minha letra não presta», depreende-se que aqueles apontamentos foram passados a limpo por alguém, que deverá ter sido a sua sobrinha Madre Teresa de Jesus Maria, sua companheira quase permanente nas últimas três décadas de vida e sua sucessora como Zeladora da Imagem do Senhor Santo Cristo. Esta segunda relatora deverá ser a responsável por alguns acrescentos, nomeadamente os relativos aos últimos acontecimentos (quando a biografada se encontrava enfraquecida pela doença, pelos jejuns e pelos seus quase oitenta anos), e pela redacção das primeiras folhas (na terceira pessoa do singular em vez da primeira pessoa que é utilizada em quase todo o texto). Teremos, então, “uma autobiografia” que na verdade parece ser composta por um original e uma cópia com ligeiras alterações (o que resultará em dois textos e

não num, apesar de as diferenças serem quase irrisórias), e que, se as ditas alterações forem realmente da lavra de quem copiou os apontamentos, não será exclusivamente “autobiografia” mas também “biografia de outrém”. O seu conteúdo será objecto de análise crítica adiante, no ponto III deste trabalho.

- b) **PROCESSO FRANCISCANO** – Em Julho de 1740 o Custódio Provincial da Custódia da Santíssima Conceição das ilhas de São Miguel e Santa Maria, Frei Pedro de São Francisco, autoridade máxima dos Franciscanos neste espaço e a quem as Clarissas do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança prestavam obediência, ordenou a instauração, e nomeou comissário, de um processo de inquirição de testemunhas sobre os virtuosos procedimentos desta serva de Deus, falecida dois anos antes com «comum opinião de santidade». Tal decisão foi despoletada por uma petição deste convento, desejoso de que este inquérito se realizasse antes que falecessem muitas das pessoas de toda a ilha que a veneravam por bem-aventurada devido aos milagres que Deus obrara («que vulgarmente se atribuíam à sua virtude») na sua vida, na sua morte («com sinais de predestinada») e ainda depois desta. Em apenas quatro meses (do meio de Agosto ao início de Dezembro) foram ouvidas 83 testemunhas; o estudo crítico dos seus depoimentos e do processo diocesano não integra o presente artigo por ser de outra autoria, conforme explicado atrás na nota 1. Não existe qualquer tomada de posição do Comissário, nem é dita qual a tramitação subsequente.
- c) **PROCESSO DIOCESANO** – Em Maio de 1740 o Bispo de Angra e mais Ilhas dos Açores, D. Frei Valério do Sacramento, respondendo a um pedido escrito pelo convento de Nossa Senhora da Esperança no sentido de «mandar fazer processo informativo e sumário de testemunhas» sobre os prodígios obrados por Deus por intercessão da «venerável sóror» Teresa da Anunciada, instituiu comissário para «se perguntarem testemunhas em favor» desta falecida religiosa. De meio de Julho a final de Novembro foram recolhidos 72 depoimentos. Estranhamente, só em Setembro de 1742 foram os autos dados por concluídos pelo Notário Apostólico deles incumbido e assim remetidos ao Bispo, que em Abril de 1743 os mandou enviar aos Jesuítas de Ponta Delgada; lidos pelo Bispo os três pareceres favoráveis obtidos (datados de Junho, Agosto e Outubro), foi por ele ordenada, em Fevereiro de

1744, a realização de duas inquirições pontuais. O processo ficou terminado em Março de 1744 com a sentença episcopal de que de todo o exposto «resulta uma grande prova de sua virtude e santidade, como julgaram as pessoas de letras e religiosos de virtude deste nosso Bispado, dando alguns seu parecer por escrito e outros votando mesmo na nossa presença», pelo que «julgamos por digna de todo o crédito a justificação junta, deixando o mais à determinação da Igreja Católica, a quem só pertence julgar ultimamente da verdadeira santidade dos Santos». Os autos ficaram depositados no cartório episcopal. Deste códice, bem como dos apresentados nas alíneas a) e b), existe no Arquivo do Santuário transcrição dactilografada efectuada pelo Dr. Hugo Moreira. Desde meados do século XVIII, esta trilogia (autobiografia, processos franciscano e diocesano) é entendida como a pedra basilar para a almejada canonização da Madre Teresa da Anunciada.

Embora os demais manuscritos não tenham a importância destes três, merecem ser referidos na continuação desta lista de fontes para o conhecimento do perfil psicológico desta Madre Teresa e da religiosidade popular a ela associada.

- d) MEMORIAL DOS MILAGRES – De seu título completo «Memorial dos milagres que sucederão da Madre Thereza d Anunciada Religioza professa no Mosteyro de Nossa Senhora da Esperança da Cidade de Ponta Delgada Ilha de São Miguel», é um caderno de papel de que só as primeiras folhas estão escritas, também no verso, com letra grada e muito cuidada, relatando os derradeiros momentos desta serva de Deus, no dia 16 de Maio de 1738, o ocorrido até ser sepultada, e as maravilhas obradas pelas suas relíquias. É elucidativa a frase em destaque após o fim do documento: «Não se faz por hora menção da vida desta Religioza, porque sahirá quando for tempo.» Deve ser da autoria da Madre Teresa de Jesus Maria (já mencionada atrás, a propósito da Autobiografia).
- e) CARTA DO ÚLTIMO CONFESSOR DA MADRE TERESA – Datada de 10 de Agosto de 1738 em Angra, está assinada por Frei Manuel do Rosário e é dirigida à Madre Teresa de Jesus Maria. Apesar de ser uma só folha, contém considerações acerca da tia desta, agradece as relíquias e a relação recebidas (a qual se depreende ser o Memorial dos Milagres) e define «que aquella relação ha de princi-

piar do dia, em que adoeceu a serva de Deus, assignando se os dias, em que se confessava, e recebia o Santissimo Sacramento».

- f) CARTAS DA 4ª CONDESSA DA RIBEIRA GRANDE – São diversas, de meados do século XVIII, dirigidas à citada sobrinha da Madre Anunciada, e focam principalmente os anseios da sua autora quanto à elaboração da biografia em causa.
- g) CARTA DUM PADRE SOBRE MAIS MARAVILHAS – Datada de 27 de Setembro de 1740 e dirigida ao Comissário do Processo Franciscano, é um acrescento feito pelo padre secular João Velho Machado ao depoimento que prestara no dia 9.
- h) EXAMES MÉDICOS DOS OSSOS DA MADRE TERESA EM 1762 – Assinados por dois médicos e certificados pelo então Custódio Provincial e Comissário do Santo Offício, Frei Francisco das Chagas, atestam o bom estado de conservação e o odor agradável dos ossos, considerados relíquias.
- i) REGISTO DO ÓBITO DA MADRE TERESA – Escrito no Livro Quinto dos Óbitos do Mosteiro, iniciado em 1701; entre outras informações, aí se lê que o Senhor obrava muitas maravilhas «em enfermos e em todas as tribulosoens [...] pellas orasoens de sua serua como mais claramente se uera no liuro da sua uida e milagres do Santo Christo que deixou escrito por sua mão».
- j) CÓPIA DA CARTA ENVIADA A D. JOÃO V PELA MADRE TERESA, PEDINDO-LHE PARA RETIRAR AS NOVAS TAXAS ALFANDEGÁRIAS SOBRE O AÇÚCAR E PARA ACEITAR A OFERTA DO CEPTRIO DE FLORES E ALJÔFAR QUE ERA DO SANTO CRISTO – Carta entregue pelo Secretário de Estado, por intermédio do Conde da Ribeira Grande. Três folhas, sem data. Na Autobiografia diz-se ser de 1725, sendo o pedido deferido pelo rei em Setembro desse ano.
- k) CÓPIA DA CARTA ENVIADA A D. JOÃO V PELA MADRE TERESA, PEDINDO-LHE INSÍGNIAS RÉGIAS PARA A IMAGEM DO SENHOR SANTO CRISTO – Uma folha com caligrafia grada e datada de Agosto de 1734 mas com espaço em branco para o dia; nela se diz que Teresa recebeu ordem do Santo Cristo para transmitir ao rei

«que he de seu Divino agrado, que Vossa Real Magestade o Coroe a elle com hua Diadema, Coroa de espinhos, e setro, ou Cana de Ouro, e lhe mande fazer um Reliquiario do mesmo metal com hua Reliquia da sua Paxam misterioza para se colocar em seu peyto sagrado». Este é dos últimos assuntos expostos na Autobiografia, ocorrido e mencionado quando a Madre Teresa é já septuagenária.

III – ANÁLISE CRÍTICA DA AUTOBIOGRAFIA

Historicamente falando, a fonte primordial para o conhecimento de Teresa da Anunciada é a sua Autobiografia. Redigida ao longo de décadas, com paragens durante anos, o título exacto inscrito no seu cabeçalho é: «Vida da Serva de Deus Teresa da Anunciada, religiosa professa em o convento da Esperança da cidade de Ponta Delgada, da Ilha de São Miguel, cuja vida mandou escrever o seu confessor, tirada fielmente de uns papéis que a dita Serva de Deus tinha escrito, por mandado de Deus e de seus confessores, como ao diante se verá».

Existindo no Santuário a sua transcrição dactilografada e anotada, feita em 1990 pelos investigadores Dr. Hugo Moreira e Sr. Nuno Álvares Pereira⁵ (qualquer deles com décadas de experiência de leituras paleográficas), optámos por a seguir confiadamente em vez de nos basearmos no códice, nos cadernos escritos por outra letra, ou no cotejo de ambos. (Opção idêntica, de resto, tomámos quanto aos dois processos de averiguação de virtudes e prodígios.) Por este motivo, as nossas referências de páginas respeitam sempre à numeração da transcrição.

Para o enquadramento histórico dos conteúdos da Autobiografia recorreremos às duas obras mais completas e mais recentemente publicadas, ambas sob a direcção do Prof. Doutor Padre Carlos Moreira Azevedo e a coordenação do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, resultantes dos trabalhos de dezenas de investigadores: a *História Religiosa de Portugal* (3 volumes, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000-2002) e o *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (4 volumes, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000-2001).

⁵ A autoria (desta transcrição, das notas que enriquecem e esclarecem referências do texto, e da morosa e pormenorizada revisão de tudo) foi-nos confirmada em Abril de 2003 pelo Senhor Nuno Álvares Pereira. O ano é indicado na nota 265.

1. A feitura da Autobiografia

« – Filha, quero que contes tudo o que tem sucedido e as contradições que as criaturas te têm feito, sem conhecerem que nisso Me ofendem muito.»⁶

« Eu andava sempre com o cuidado que me dizia o meu Senhor: _Teresa, vai escrevendo o que vou obrando.»⁷

« Ano de 1703 começo esta Relação mandada por meu Senhor, aprovada por meus confessores.»⁸

« Quero eu dar princípio a este mandamento de meu Senhor, mas sou esquecida, que não atino se deixei já escrito alguma coisa desta ermida.»⁹

« Hoje [...] me resolvi a pôr por obra [de escrita] o que o Senhor me inspirar.»¹⁰

« Querendo escrever este sucesso, como me manda a obediência, me disse o Senhor um que já me esquecia e me havia mandado meu Padre espiritual escrever.»¹¹

« Hoje [...] me manda o meu Senhor escrever algumas coisas que eu não quis escrever, por me tocarem a mim e me parecia impertinência o escrevê-las, mas como o meu Amado me manda digo que...»¹².

« Tenho tantas ocupações que me divertem a memória e o tempo de escrever o que me manda a obediência, e, quando quero continuar, já me esquece o que deixo escrito. [...]A Santíssima Rainha dos Anjos [...] me dê luz para acertar em o que for para maior glória de Seu Santíssimo Nome e de meu Senhor Santo Cristo.»¹³

« O Senhor dê luz e conhecimento destes efeitos a quem ler, para que melhor me entenda. [...] Tudo seja para glória de meu Deus e Senhor.»¹⁴

⁶ Fala de Deus para Teresa, transcrita na página 71 do texto dactilografado da Autobiografia (daqui em diante apenas serão indicadas as páginas da transcrição; exemplo: “Pág. 179.”) Nas citações a ortografia vai actualizada, uma vez que as diferenças entre estes textos setecentistas e os actuais não oferecem particularidades de relevo.

⁷ Pág. 141.

⁸ Pág. 70.

⁹ Pág. 114.

¹⁰ Pág. 44.

¹¹ Pág. 127.

¹² Pág. 161.

¹³ Pág. 117.

¹⁴ Pág. 122.

É desta maneira que a Madre Teresa justifica a sua narração. A vontade divina, de que ela se sente intérprete, é que seja escrita uma narração completa «dos prodígios do Santo Cristo»¹⁵, para divulgação destes e maior glória de Deus. Porém, como antes do ingresso dela no mosteiro só havia notícia de esta imagem ter operado um milagre e alguns alívios de achaques¹⁶, tal relato terá de ser uma biografia desta sua colaboradora e intercessora visível. Também assim o entende o seu confessor, de quem ela diz: «eu tinha ordem sua para escrever os milagres do meu Senhor e tudo o que me sucedesse»¹⁷. Assim se forma uma indissociável relação entre os dois protagonistas desta história de vida.

A redacção tem início em 1703, vinte anos depois da profissão de Teresa, e o seu termo deve situar-se entre 1736 (última data registada) e 1738 (ano do falecimento da biografada, em 16 de Maio). O seu fluxo é muito irregular, contando mesmo com interrupções de dez e de treze anos¹⁸; há saltos cronológicos e repetições¹⁹, o estilo apresenta algumas oscilações, a preocupação com datas quase só existe para os dias (identificados pelo respectivo santo ou pela localização na semana ou no mês), não para os anos. De tudo isto tem plena consciência a narradora, que fala repetidamente de como se sente receosa de, pelos seus defeitos, ignorâncias, brutezas e tosco estilo, vir a ser um estorvo, em vez de instrumento, da glória divina²⁰; diz mesmo: «Tenho-me descuidado muito em satisfazer a obediência com este itinerário dos milagres do Santo Cristo, assim porque avallio por desacerto ser eu a que o escreve, como porque todas as vezes que quero continuá-los é necessário despertar-me de novo meu Senhor, seguindo minha desconfiança com a certeza de que essa é Sua vontade.»²¹

Nada pode ser escrito sem o conhecimento prévio e a autorização, para cada assunto, dos seus sucessivos confessores²² ao longo desses

¹⁵ Pág. 128.

¹⁶ Pág. 76-77.

¹⁷ Pág. 113.

¹⁸ Págs. 128 e 140.

¹⁹ Exemplos de repetições: pág. 162 com págs. 120 e 150; exemplo de saltos expositivos: pág. 165-166 retoma-se assunto de págs. 14, 15, 22-24, 35-36 e 42, num aparente despropósito. No livro do Padre José Clemente há o reordenamento de alguns factos e a sua valorização pelo recurso aos testemunhos dos dois processos.

²⁰ Passim e págs. 70, 105, 178.

²¹ Pág. 102.

²² Desde que entra para o convento (em 1681 para fazer o noviciado, passando a freira professa em Junho de 1683, altura em que muda o seu nome de “Teresa de Jesus” para

mais de trinta anos: «fiquei outra vez impedida para não continuar a escrever, porque adoeceu logo o meu confessor, e doença dilatada, que bem me mortificou, porque o meu gosto era não passar dia sem sua obediência [que, no caso, era narrar os milagres e as conversas com Deus]. Tornou ele, quando pôde. Pratiquei-lhe tudo quanto passei. Deu-me logo licença para continuar a escrever.»²³ Não existe, deste modo, qualquer hipótese de ficar escrito algo que possa ser entendido como desvio à ortodoxia (moral, teológica ou da espiritualidade): todos os pensamentos e estados de espírito, todas as atitudes, palavras e realizações são do conhecimento do confessor, que tem de manifestar a sua aprovação antes do registo escrito de qualquer deles.

Por último, até a versão final, já passada a limpo e sem nada ser retirado do texto de Teresa, é prevista e ordenada por Deus, no fim do livro: «Também me disse o Senhor que também era Sua vontade de Rei mandar pedir o livro dos Seus milagres. Eu Lhe disse: “– Meu Tudo, se Vós quereis isso para que me mandastes escrevesse eu a minha pobre vida ?” Disse-me: “– Manda dizer o que te digo e tu sabes o que farei de ti. Manda o teu confessor traslade tudo de boa letra, e se o rei os mandar buscar é para os mandar autenticar [,a]os Meus prodígios. E Eu te busquei a ti por Meu nada e tudo é Meu. [...] Dize tudo, que assim o quero, que não sabes o fim que quero: ter maior glória. E dize a quem o escrever que não tire nada do que tu escreves. Que não sejam todos a dar-Me regras do que Eu disponho.»²⁴

2. Comunicação entre o Senhor Santo Cristo e Teresa da Anunciada

À data em que Teresa se recolheu, para fazer o noviciado e depois professar, no Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança, em 1681, o busto do “Ecce Homo” tinha sido trasladado duma Capela de Nossa Senhora da

“Teresa da Anunciada”) até morrer, recorre sempre exclusivamente aos confessores franciscanos a quem os Prelados incumbem a assistência espiritual a esta comunidade. No seu livro são mencionados os seguintes : Frei Estácio da Anunciação (primo da mãe dela e com quem se confessava no século), Frei Pedro de S.Francisco, Frei António do Pilar, Frei António de Xavier, Frei Domingos da Conceição, Frei Agostinho de S.Francisco, e Frei Manuel do Rosário, o último que lhe assiste.

²³ Pág. 44.

²⁴ Pág. 178 e 179.

Paz, no intra-muros da comunidade, para o Coro de baixo, separado este do corpo da igreja por uma grade e colocado no extremo oposto ao do altar. A grande impulsionadora do ingresso de Teresa neste mosteiro, a sua irmã Joana de Santo António (que logo a seguir entrou como fâmula noutra casa clarissa de Ponta Delgada, Santo André, que já frequentava e onde faleceu como mística ano e meio depois), ficou impressionada com a imagem, e conseguiu que Teresa lhe trocasse o registo que ocupava o antigo lugar da hóstia por outro que Joana trouxe. Assim reza a Autobiografia, ainda na terceira pessoa do singular: «Levou-o ela [Joana] com grande veneração, e vindo outra vez à mesma grade, de onde o Senhor se via, lhe disse: Minha irmã, aquele Senhor é milagroso, porque o registo que levei tem obrado muitos milagres em Santo André, e é grande dor estar aqui às escuras, como na loja de Pilatos. Hoje é Quarta-Feira de Cinza, eu tenho uma botija de azeite; haveis de tomar à vossa conta alumiá-lo esta Quaresma. E indo pelos dormitórios pedi pelo amor de Deus vos dêem uma gota de azeite para alumiardes o Santo Cristo. Algumas vos hão-de dar e as que vos não derem azeite dar-vos-ão com que merqueis. Ofereci a Deus esta mortificação.»²⁵ E sucedeu tudo exactamente como Joana predissera. Quanto a Teresa, segundo a dita fonte, «parece que com a continuação da assistência foi tendo tanta devoção ao Senhor, que nele pôs todo o seu cuidado»²⁶.

Detenhamo-nos neste início do culto pessoal. Quem detecta algo de especial nesta representação da Paixão de Cristo não é Teresa mas sim a sua irmã Joana, e é também ela quem descobre que a imagem pode originar intervenções sobrenaturais (ignorando que já houvera vivências nesse sentido por parte de algumas freiras do convento da Esperança). O passo seguinte – proporcionar à imagem um pouco de dignidade cultural – é igualmente desencadeado por Joana, bem como o anúncio dessa intenção e o envolvimento de parte da comunidade nas responsabilidades com o culto. Por fim, a asunção das dificuldades daí resultantes como sendo um elemento da caminhada de penitência do crente para Deus (mortificação que se oferece, sem dúvida, “para desconto dos pecados” próprios, na linguagem popular) é apresentada, ainda por Joana, como o coroar de todas as acções anteriores,

²⁵ Pág. 30.

²⁶ Pág. 31.

e pressupõe que todo o conjunto será agradável a Deus (caso contrário, não faria sentido ofertar-Lho). Teresa surge aqui como figurante passiva e obediente, não como protagonista. Por outro lado, a extrema devoção que virá a dedicar a este culto é atribuída à continuação do convívio com a imagem – o que é desmentido nos diversos passos da Autobiografia em que, já na primeira pessoa do singular, a narradora fala dos «prodígios», das «maravilhas» e dos «milagres» realizados por Deus ²⁷.

O cuidado de Teresa com a imagem foi crescendo e passou a ser o seu “ex-libris” ao longo dos cinquenta e cinco anos que viveu no mosteiro como freira professa. Em breve começou a entender que Deus lhe transmitia a Sua vontade, por meio de uma voz interior, quando ela se encontrava em momentos de recolhimento espiritual (rezando, comungando, meditando na Paixão ou contemplando esta imagem) ou de repouso (dormindo). Teresa sentia uma inspiração para tomar certas atitudes, quase sempre respeitantes à imagem, e interpretava-a como a vontade divina. Deixemo-la explicar: «em comungando, logo que me pus de joelhos, me disse o meu Senhor»²⁸; «disse-me, ou inspirou-me, o meu Senhor estas palavras»²⁹; «estando eu um dia na missa pedindo a Deus pela Rainha, entendi no meu interior estas palavras do meu Senhor»³⁰; «um domingo, estando eu na [oração de] prima, ouvi uma voz no interior de minha alma, que me dizia meu Senhor»³¹; «Passei muito tempo sem ter estas assistências de meu Amante [entenda-se: as conversas com Deus], nem nas comunhões [...]. No oitavário da Páscoa [...] formei tenção, à quinta-feira, de comungar à sexta e em todas as do ano, se Deus o dispusesse. De madrugada entolhe-se-me, ouvi uma voz que me dizia: “Teresa, levanta-te! Vai-te confessar!” Despertei. Logo fui confessar-me. Em comungando, recolhi-me a um cantinho do Coro. Oiço logo meu Senhor: “Teresa!” Tal alegria me deu, quando ouvi esta voz, quanta teria a Madalena na Ressurreição do Divino Mestre, e assim Lhe respondi: “Meu Senhor!”»³².

²⁷ Pág. 108: «Com estas maravilhas se aumentava a devoção nas criaturas e em mim as admirações, porque conhecia o meu nada e quanto por minha vileza Deus ordenava a fim de grangear almas»; pág. 107: «nesse [tempo] obrou o Senhor tantos prodígios que para se referirem seriam necessários muitos volumes. Direi alguns dos mais prontos à devoção».

²⁸ Pág. 49.

²⁹ Pág. 50.

³⁰ Pág. 47.

³¹ Pág. 111.

³² Pág. 113-114.

O diálogo flui, sem som, entre ambos, e ela vai aprendendo quer a interpretar correctamente a vontade de Deus, quer a não desesperar com as aparentes impossibilidades à sua concretização: «então não sabia bem entender as inspirações de seu Soberano Mestre»³³; «fiquei conhecendo a queixa do meu Senhor não ser coisa do inimigo, como eu imaginava»³⁴; «como eu consultei o Senhor, para saber a Sua vontade, falei livremente porque Ele me inspirou»³⁵; «eu neste tempo não fazia caso disto. Agora manda-me o meu Fidalgo [Deus] que o escreva, que em algum tempo Ele lhe dará valor de alguma coisa»³⁶; «primeiro Ele me fazia doida, então tinha efeito o que queria Lhe fizessem»³⁷; «o Santo Cristo sempre mortificava a quem Lhe fazia alguma coisa, primeiro que tivesse efeito.[...] Destas travessuras fazia meu Senhor cada dia para sujeitar a fé das criaturas»³⁸; «nestes combates me vinha uma grande confiança em Deus, que aquela era obra Sua e que fiava muito em Suas grandes misericórdias»³⁹; «Dizia [eu]: Senhor, eu fiz o que Vós mandastes. As criaturas não dão em tudo a devida aceitação, e têm muita razão para isso. Vós podereis inspirar-lhes a Vossa vontade para serdes bem servido e não buscardes a coisa mais vil do mundo, sem préstimo, nem talento [Teresa]. Diz o meu Senhor: O que é meu darei a quem [Eu] quiser. Ninguém pode pôr traça [diminuição] no meu poder.»⁴⁰.

Comunicando às outras religiosas, ao confessor e a alguns elementos do século (os Condes da Ribeira Grande, os ourives e pedreiros executantes das obras de beneficiação) as ordens divinas que vai recebendo, e vendo-se que elas se vão realizando mesmo quando tal parece impossível⁴¹, Teresa vai adquirindo, aos seus olhos mas também aos da comunidade conventual e até no extra-muros, um estatuto de intermediária privilegiada junto de Deus, com particular incidência através do diálogo com este “Ecce Homo”. Se alguém pretende obter do Senhor

³³ Pág. 27, quando a Autobiografia ainda não usa o “eu”.

³⁴ Pág. 111.

³⁵ Pág. 52.

³⁶ Pág. 159.

³⁷ Pág. 46.

³⁸ Pág. 84.

³⁹ Pág. 51.

⁴⁰ Pág. 75-76.

⁴¹ Na Autobiografia colhem-se muitas situações exemplificativas desta superação de dificuldades.

Santo Cristo uma graça⁴² ou uma resposta⁴³ comunica-o a Teresa, que o transmite a Deus.

Para aumentar a devoção das outras religiosas pelos poderes divinos, Teresa recorre conscientemente a pequenas alocações teatrais: «eu dizia estas coisas como por zombaria e com intenção de que quem ouvisse assim o tomasse, mas fiada em meu Senhor que tudo podia. [E, na verdade,] assim sucedeu.»⁴⁴; «meu Senhor prometeu-me não havia faltar nada do que eu quisesse»⁴⁵; «eu com estas [as freiras que não têm fé no Santo Cristo] me mostrava arrogante, dizendo: se se não tirarem [as fintas sobre o açúcar], Vossas Mercês não perdem nada, que os gastos que fiz [com a cana de ouro e aljôfar que enviou a D.João V em 1725, acompanhando a petição sobre as fintas] tudo é de meu Senhor e não de Vossas Mercês»⁴⁶.

Não obstante, nunca se vangloria dos prodígios obrados, que entende como manifestações da glória de Deus devidas exclusivamente à vontade e ao infinito poderio divinos, realçados pelo facto de o instrumento de actuação (ela própria) ser «um abismo de maldades, um vivo pecado, uma contínua ingratidão»⁴⁷, um «vil bichinho»⁴⁸, «miserável mulherzinha falta de fé, pois tendo experimentado Seus prodígios não confiava em Sua Divina Providência, porque me confundia a multidão de meus grandes e muitos pecados»⁴⁹. Em várias ocasiões o reitera: «escolhi-te, assim formiga como és, para coisas de grande porte, porque nisso realça mais Minha glória»⁵⁰; «Disse-lhe eu: Meu Senhor, quem sou eu para dar tal recado? Não me hão-de dar crédito.[...] Disse-me o Senhor: Sim, filha! Que assim o permito pa-

⁴² No século XVIII é comum, segundo se lê em vários passos dos dois processos e uma vez na Autobiografia (pág. 123), «pedir à Madre Abadessa um cântaro [ou uma porção] de água tocada do Senhor», o que se faz tocando com as mãos da imagem na água dum vasilha; em vida de Teresa era ela a fazê-lo.

⁴³ Num assunto delicado, os Condes da Ribeira Grande [sogros da patrocinadora do livro do Padre Clemente] pedem a Teresa que peça ao Senhor Santo Cristo que o resolva; para tal Teresa faz-lhe uma novena (p. 92-96).

⁴⁴ Pág. 84.

⁴⁵ Pág. 108.

⁴⁶ Pág. 144; a petição é o documento de que se fala atrás, aquando da apresentação das fontes manuscritas.

⁴⁷ Pág. 119.

⁴⁸ Na citada petição de 1725 sobre as fintas do açúcar, escreve: «por instrumento desta Sua inútil escrava, e o mais vil bichinho da terra»; na carta de 1734 em que solicita a D.João V insígnias régias para a imagem, apresenta-se como «esta Sua vil, e indigna creatura».

⁴⁹ Pág. 122.

⁵⁰ Pág. 80.

ra Minha maior glória e descanso teu. [...] De tua conta corre dizer-lhe e de Minha dar luz para que conheça que tudo é Meu e não teu.»⁵¹.

Deste modo, a devoção ao Senhor Santo Cristo tem um carácter de exemplo para a colectividade, no que revela de consciência da pequenez humana perante os desígnios e o poder de Deus. E está hoje provado, pelos estudos de historiografia religiosa, que «a meditação do mistério da Cruz revelou-se eficaz na conversão dos pecadores e no aperfeiçoamento dos fiéis através do desprezo dos bens do mundo e na prática das virtudes da humildade, resignação e obediência»; por isso, «evocar os sofrimentos de Cristo, a fim de provocar a reflexão sobre as consequências do pecado e a necessidade do arrependimento, foi pois uma constante da espiritualidade afectiva ante e pós-tridentina»⁵². Há, contudo, duas importantes especificidades na inserção de Teresa da Anunciada na ortodoxia devocional da sua época: primeiramente, ela não se fica pela perspectiva passiva de “Sexta-feira Santa” (acentuação da imensa dor de Cristo), tão cara às pregações e às figurações coevas, mas o que valoriza, e nele se situa por inteiro, é o espírito activo de “Domingo da Ressurreição” (triumfo perpétuo da vida sobre a morte); em segundo lugar, trabalha para que o culto a Deus através do respeito e veneração a esta imagem em particular (por ter sido sacrário) seja permanentemente aumentado junto dos crentes, em especial dos leigos. Esta segunda característica permite-nos concluir da indissociabilidade, no entendimento desta freira, entre a Paixão e o Santíssimo Sacramento: embora diferentes, só juntos manifestam por completo a cada fiel o caminho para Deus. Eis as suas palavras: «Quero tudo o que for para ornato do Santíssimo Sacramento»⁵³; «Eu bem conheço que o Santíssimo Sacramento é Tudo [designação que também aplica ao seu “Fidalgo”, o Senhor]. Porém também não ignoro Ele [Deus] quer que se dê toda a devoção às Suas imagens, e nesta principalmente por Lhe servir tantos anos de custódia assistindo em Seu Divino Peito, e queria ser venerado», pois «o meu Tudo sempre Se queixava do pouco respeito com que as Suas esposas O trataram tantos anos [até ela assumir esse encargo]»⁵⁴.

Relativamente às formas de comunicação espiritual entre Teresa e Deus, através do Senhor Santo Cristo, é importante registarmos que não há

⁵¹ Pág. 71.

⁵² António Camões Gouveia, «Devoção à Paixão de Cristo», in *História Religiosa de Portugal*, vol. 2 – *Humanismos e Reformas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p. 570 e 571.

⁵³ Pág. 152, acerca dos gastos que irá fazer com duas sobrinhas freiras neste mesmo mosteiro.

⁵⁴ Pág. 155.

ái visões nem estigmas, duas manifestações muito em voga nos séculos XVI a XVIII e que mais do que uma vez conduziram a processos de suspeição ou de condenação de místicas⁵⁵. Teresa tem um modo “certificado” de perceber que a voz que ouve, ou aquilo que lhe parece ser a voz de Deus e a Sua vontade, não é ilusão ou mau entendimento seu: se ao comungar sentir uma doçura especial, sabe estar a interpretar adequadamente o que ouviu e pensou. Ela explica-o no final da Autobiografia: «[Como eu] nunca quis que o meu Senhor me aparecesse, por que o diabo me não enganasse, nem [eu] conhecia em mim esse merecimento, Lhe pedi me não desse visões, nem aparecimentos nesta vida. Dizia-Lhe: “Senhor, amo-vos por fé e não quero mais. Só Vos peço me não engane o inimigo e que quando me mandardes alguma coisa me deis um sinal do Sacramento, para que eu conheça que é Vossa santa vontade.” Disse-me o meu Senhor: “Filha, muito me agrada essa tua fé. Quando te mandar alguma coisa do Meu agrado, quando comungares hei-de dar uma doçura no Sacramento, que é o sinal mais certo que te posso dar, para que não tenhas a menor desconfiança. [...] Concedeu-me o meu Fidalgo isto desde pequenita.»⁵⁶ Daqui se conclui que tal “cumplicidade” entre Teresa e Deus era já muitos anos anterior à sua entrada no convento; estamos, portanto, não perante uma “iluminada”, súbita e intensamente convertida pela comunicação de uma imagem da Paixão, mas sim perante alguém que ao longo de toda a sua vida foi aprendendo a estar atenta a Deus.

3. Outras vertentes da espiritualidade da “freira do Senhor Santo Cristo”

Sendo Teresa (nascida em Novembro de 1658, meses após o falecimento do pai) a mais nova de treze filhos (alguns dos quais já fora de casa),

⁵⁵ «As revelações, aparições e manifestações de santidade espalharam-se por todo o país, suscitando a intervenção do Santo Ofício como garante da legitimidade das formas de comunicação com o sagrado (ou seja, como polícia daquilo que entendia ser uma desordem visionária que punha em questão a autoridade da Igreja). O caso mais conhecido é o de Soror Maria da Visitação, priora do Convento [dominicano] da Anunciada, de Lisboa, cujo processo foi iniciado em 1589: mostrava as feridas (os estigmas) das cinco chagas e da coroa de espinhos, tinha visões e fazia milagres. [...] Só depois de ter sido denunciada por diversas freiras rivais do convento a um confessor jesuíta é que o caso suscitou a intervenção do Tribunal da Inquisição de Lisboa, que efectuou um exame mais aprofundado, tendo verificado a simulação das chagas com pintura e verniz.» (Francisco Bethencourt, «Falsa santidade», in *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, p.80)

⁵⁶ Pág. 173.

é compreensível que acompanhasse constantemente a mãe até se tornar adulta. Nesse convívio foi preparada por esta para a prática da virtude religiosa, quer pelo ensino da doutrina, quer pelo exemplo (missa diária, devoção mariana, romaria diária descalça, orações domésticas, confiança total nos desígnios protectores de Deus, frequência da confissão, pertença a Irmandades (Terceiras?) de Santo Agostinho e de São Francisco), sendo coroada com uma morte gloriosa. Duas características da mãe parecem ter sido assimiladas por Teresa, bem como pela sua irmã Joana: a persistência, mesmo em circunstâncias adversas, e a capacidade de prever o futuro (embora, ao contrário da mãe, Teresa tenha sido poupada à injusta fama de feiticeira).

Em criança isolava-se para chamar por Deus e pela Virgem, e durante toda a Quaresma usava às escondidas e por baixo da roupa um cilício de ferro, que a deixava em carne viva⁵⁷. Até morrer continuou a usar de mortificações corporais (dormia em palha entremeadada com paus, cuja aspereza reforçou com cortiça; durante metade da Quaresma jejuava a pão e água)⁵⁸.

Antes de ser freira, completou, já depois da morte da mãe, o noviciado da Ordem Terceira de S. Francisco na Ribeira Grande⁵⁹.

As leituras e os exemplos de vida que alimentaram a sua caminhada religiosa foram diversas. Em criança e adolescente gostava muito do livrinho de Santa Brígida, que acabou por decorar (já que só tardiamente foi capaz de ler), obra que muito a influenciou quanto às revelações e à Paixão⁶⁰. Este livro da santa sueca que viveu e foi canonizada no século XIV, “Revelações” [a que Teresa chama “Meditações”], «deixou vinco profundo na espiritualidade protomoderna e na arte religiosa peninsular dos séculos XVI e XVII, mercê da adesão de escritores místicos espanhóis com ressonância em terra portuguesa»⁶¹.

Há referência a Santa Teresa de Ávila, mas não exactamente às suas obras⁶²: parece mais um exemplo consagrado popularmente do que algo de específico. Aliás, esta percepção já foi enunciada: «Mantinha-se [...] a

⁵⁷ Pág. 2 e 3.

⁵⁸ Pág. 158 e 159.

⁵⁹ Pág. 12.

⁶⁰ Pág. 4.

⁶¹ António Camões Gouveia, *ob. cit.*, p.576.

⁶² Um frade capucho que visitou a mãe de Teresa e mais tarde veio a ser confessor desta no convento terá dito: «crie esta filha com muito gosto, que há-de ter grande dita, não só com o nome de Santa Teresa, mas também o sinal que a Santa tinha na barba tem ela» (p. 13).

influência de alguns grandes mestres espirituais que marcaram, sobretudo, a segunda metade do século XVI ibérico, adquirindo especial relevo a figura, o exemplo e as obras de Teresa de Ávila. [...] Muito há ainda a investigar para se aferir a real e duradoura influência quer das obras quer do próprio exemplo de Santa Teresa em Portugal nos séculos XVII e XVIII»⁶³.

A Madre Anunciada (como é tratada pelas outras religiosas e pelos confessores, segundo conta) menciona dois livros lidos em voz alta na Comunidade, qualquer deles narrando a vida de uma freira considerada Venerável: os relativos, respectivamente, à autora Maria de la Antigua, falecida em 1617 em Espanha⁶⁴, e a Francisca do Livramento, falecida em 1726 no Mosteiro da Esperança em Ponta Delgada⁶⁵. Ao dizer a Deus que quer imitar qualquer delas, escuta comparações elogiosas.

«[Um Visitador] disse que Sua Magestade [D.João V] era muito devoto do Santíssimo Sacramento, que estava tantas horas de [ambos os] joelhos diante do mesmo Santíssimo. Eu fiquei muito alegre de este Monarca ser tão bom, que lhe disse: Ainda agora lhe quero mais do que queria.»⁶⁶ A comunhão, frequente, é das práticas mais importantes na espiritualidade de Teresa, encontrando nela uma intensidade de recolhimento e de meditação que lhe permite definir rumos de actuação; por vezes é nesses momentos que, por estar mais próxima de Cristo, sente aquilo que entende como Sua inspiração, como já ficou exposto.

No seu livro ficaram registadas também outras devoções: a S. José, o Santo Patriarca⁶⁷; à Mãe de Deus, em várias das Suas invocações (nas suas palavras: «tenho devoção de todos os dias, antes de prima, visitar nove casas de Nossa Senhora e nelas rezar o Seu rosário e o de

⁶³ Maria de Lurdes Correia Fernandes, «Os caminhos cruzados da espiritualidade e da pastoral», in *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, p.33.

⁶⁴ Pág. 120, e nota 195.

⁶⁵ Pág. 147, e nota 249. O livro em causa é da autoria do confessor desta sua contemporânea, Frei Manuel de S.Luís, e foi publicado em 1731 em Lisboa com o título “Instruções morais e ascéticas deduzidas da vida e morte da Venerável Madre Soror Francisca do Livramento, Abadessa que foi do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança da Cidade de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel”. Sobre ela veja-se o ponto seguinte do presente trabalho.

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ Pág. 84, onde há uma curiosidade na exposição: «Fiquei tão alegre que fui render as graças ao Santo Patriarca [celebrava-se então a festa de S.José], para que por mim as desse a meu Senhor». Nem sempre o contacto entre Teresa e Deus seria directo? Tratar-se-ia aqui de cumprir a cortesia de agradecer ao intermediário que solicitara ?

S. José»⁶⁸); a Santo António, pontualmente⁶⁹; ao Bom Jesus dos Terceiros, na Ribeira Grande, igualmente conhecido por “Senhor Santo Cristo”.

4. Os outros e o culto do Senhor, segundo a Madre Anunciada

Ao longo das cinco décadas e meia em que a Madre Teresa se dedicou à dignificação da imagem e do culto do Senhor Santo Cristo, foram constantes : a) a atribuição por Deus de tarefas aparentemente irrealizáveis (por falta de matéria-prima ou de modo de pagamento) e sucessivas, sem descanso; b) o levantamento de dificuldades, algumas das quais vultuosas, por parte de autoridades eclesiásticas de quem ela era subordinada; c) a superação, prodigiosa e com divulgação junto de várias pessoas, de cada obstáculo anteriormente enunciado; d) a prossecução do que é apresentado como o objectivo de Deus em todas estas actuações: «ter maior glória». As atitudes da Madre também apresentam uma constância: humildade e descrédito nas suas capacidades pessoais para a realização de tais missões, desespero temporário face a aparentes faltas de ajuda por parte de quem lhas ordena, ao que se segue uma progressiva confiança na certeza do desfecho favorável (suscitada por algum sinal recebido) e atrevimento nas iniciativas consideradas necessárias para a sua concretização, e, por fim, aprazimento com os resultados e louvor ao seu Autor. Presentes em todo o processo (como origem dos problemas, como meio da sua ultrapassagem, e como destino último das acções) estão “os outros”, os que não são os “protagonistas” desta relação. Atentemos, então, naquilo que deles nos é transmitido na Autobiografia, para melhor conhecermos este culto.

A Madre Anunciada sentia como vontade divina proporcionar ao busto do “Ecce Homo” dignidade e visibilidade. A imagem, por já ter sido custódia e (não parece abusivo afirmá-lo aqui) por representar o último momento em que Jesus é plenamente Homem antes de, com a Ressurreição, reassumir para sempre a Sua condição de Todo-Poderoso, afigurava-se-lhe ser um grande tesouro do convento. Por isso não fazia sentido, e era mesmo sinal de imerecido desinteresse e ingratidão, tê-la

⁶⁸ Pág. 117.

⁶⁹ Quando Teresa pretende ingressar no Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança e há dificuldades a vencer é aconselhada por sua irmã Joana (tão devota deste santo que o inclui no nome com que passa à vida religiosa, embora como criada e não como freira) a fazer petições a Santo António (p. 16-17 da Autobiografia).

mal cuidada ou longe dos olhares das esposas de Cristo ou dos fiéis não-consagrados. Além disso, sentia que o Senhor queria ser venerado naquela imagem, convidando à devoção com um rosto tão humanizado e expressivo. Por isso, todas as suas diligências almejam este duplo objectivo.

Com a continuação quer das “maravilhas” que dentro e fora do mosteiro se acreditava serem realizadas por intercessão do Santo Cristo, quer dos cuidados culturais desenvolvidos por ela, passou a ser hábito estar aberta a grade da igreja, para se poder ver a imagem, durante toda a noite de Quinta-feira Santa, tendo um Prelado (frade franciscano que era a autoridade máxima sobre esta comunidade) mandado que «estivesse a grade aberta todos os três anos [entenda-se: uma vez em cada três anos] e a porta do Coro baixo fechada. Eu só, e minhas sobrinhas [duas freiras neste convento], estive no Céu com todo o sossego e o meu Fidalgo reverenciado de todos, como Ele queria.»⁷⁰

O mesmo espírito leva a Madre Anunciada a organizar, no dealbar do século XVIII, por ordem divina e com autorização do Prelado, uma saída da imagem em procissão pelos conventos da cidade (na qual nenhuma freira participa, uma vez que todos os mosteiros femininos dos Açores são então de Clarissas e professam a clausura), para que o culto se alargue a eles (e aos leigos que assistirem). Anos mais tarde, em 1713, são os crenches a solicitar ao convento da Esperança o “empréstimo” da imagem para, em procissão, percorrer as ruas e igrejas de Ponta Delgada para aplacar o que se pensava ser a ira divina que permitia fortes sismos ao longo de meses; desta vez, e debaixo de chuva intensa, a imagem cai ao chão, apesar de aparafusada ao andor, e uma religiosa em Santo André escreve o seguinte: «como o Senhor por Sua livre vontade o quis ter [a este sucesso da queda], para nos obrigar com novos excessos a não O ofendermos, há-de sair a público todas as vezes que quiser, e não poderá então servir de impedimento o sucesso presente»⁷¹. Depreende-se ter fundamento aqui a passagem da procissão a anual, como se mantém nos nossos dias, mas sobre isto a Autobiografia é totalmente omissa.

O contraponto a esta expansão do conhecimento do Senhor Santo Cristo e da devoção à sua imagem, por parte dos habitantes de Ponta Delgada e dos religiosos e religiosas da cidade, está dentro do próprio

⁷⁰ Pág. 158.

⁷¹ Pág. 139 e 140. A relatora é a Madre Jerónima do Sacramento, muito amiga da Madre Teresa e por esta encarregada habitualmente de escrever as petições e os sucessos relativos ao Santo Cristo.

mosteiro de Nossa Senhora da Esperança: aí são relatados diversos casos de freiras e de alguns frades seus confessores que movem grande oposição às diligências de Teresa da Anunciada, quer por não a considerarem com qualidades suficientes para ser a guardiã e intérprete duma imagem que se começa a considerar milagrosa, quer por entenderem que tudo é urdido por ela para conseguir projecção interna e externa e maior poder do que aquele que detém. O panorama católico europeu coevo, aliás, era pródigo em situações dessas: «se ganhava força a ideia de que a santidade não consistia em milagres, profecias, êxtases, estigmas e revelações sobrenaturais, como sinais evidentes de predilecção e predestinação divinas, [estes] não deixavam de ser ansiosamente desejados sobretudo pelas religiosas, e de mais modesta condição, ciosas de notoriedade pública e estima social»⁷². Por seu lado, aquelas freiras que exerciam o poder dentro dum mosteiro, e que o escoravam em importantes redes familiares internas e no século, não aceitavam qualquer intromissão nas suas esferas de decisão e de afirmação pessoal e de grupo; daí a importância de serem rigorosamente examinadas todas as alegadas manifestações de maior proximidade individual do sagrado, talvez a única via passível de conceder poder e prestígio a quem não os possuía pelo berço. Dos muitos casos, salientemos:

«[Embora os Prelados já tivessem mandado fazer grades para a capela do Senhor, as “contrárias”, como Anunciada as trata, não o consentiram,] dizendo que eu queria grades para ter a Capela fechada de minha mão e não para maior decência da Sacrossanta Imagem»⁷³; «Pregadas [as grades] na Capela, teve o diabo tal inveja que originou suas costumadas discórdias, por meio de uma religiosa. Infundiu-lhe tal cólera e inveja que foi buscar a Madre Abadessa e disse-lhe: Consente Vossa Mercê que quem nunca teve chave a tenha na nossa religião? Manda o Conde chave nas grades para Anunciada ser senhora delas»⁷⁴; «Fiquei [...] temendo meu confessor, que não era letrado. [...] Dizia-me sempre o confessor: Senhora, isso são juízos que Vossa Mercê bota, e tudo toma por inspirações.»⁷⁵

Sucedem mesmo que interesses seculares ditem as regras dentro da comunidade: quando, a propósito de um casamento, a freira do Senhor Santo Cristo faz uma novena para saber qual o desfecho que Este preten-

⁷² João Francisco Marques, «Os santos fundadores de novas congregações e apóstolos da caridade», in *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, p. 644.

⁷³ Pág. 73.

⁷⁴ Pág. 79.

⁷⁵ Pág. 81.

de e transmite o resultado ao seu confessor, que é irmão do Prelado e ambos interessados no oposto do que ela diz, recebe como resposta irada a proibição de comunicar com qualquer pessoa de fora (que não esteja ao serviço deste convento, nem nele viva) e de realizar mais alguma novena “divinatória”⁷⁶. Esta excomunhão (não dos sacramentos, mas do contacto por voz ou por escrito com o exterior da comunidade) é das provações mais angustiantes por que passa; vai sendo gradualmente levantada ao fim dum ano, quando os interesses do Prelado são outros e necessitam mesmo de recorrer aos contactos dela com o exterior...

Em nenhuma situação Teresa regista ter desobedecido aos seus superiores, femininos ou masculinos, ou ter-se valido da sua posição junto do Santo Cristo para ultrapassar as ordens recebidas. No entanto, tem atitudes contraditórias: ora afirma, com toda a sinceridade, que «eu gloriava-me quando meu Senhor castigava algumas [das “contrárias”] no corpo para emenda das outras e bem da alma de todas, que é o único fim para que devemos trabalhar»⁷⁷, ora intercede para que o castigo divino não seja tão rigoroso quanto ela receia⁷⁸. É sua prática corrente, como revela, considerar que os “contrários” às suas pretensões são, na verdade, amigos dela porque lhe dão oportunidade de oferecer a Deus essa mortificação, e, além do mais, são prova da necessidade de intervenção do Senhor neles: «o meu amigo clérigo; e de muitas vezes assim pudera chamar-lhe, pois me dava muitas ocasiões de merecer [só que ela pensa que não as recebia com a paciência devida:] [...] todas as suas contradições levava eu amargamente, não que lhe quisesse mal, mas antes sempre o encomendava a Deus que lhe abrisse os olhos da alma para que não fizesse coisa contra o Seu agrado».⁷⁹

Para além desta caridade para com os opositores, dos castigos que a título de exemplo o Senhor lhes aplica como ensinamento de que a Sua vontade prevalece sempre, e da persistência da Sua colaboradora apesar de tantos obstáculos humanos, somos convidados a valorizar mais quatro aspectos deste culto.

⁷⁶ Pág. 96.

⁷⁷ Pág. 102.

⁷⁸ Pág. 107: sobre a morte dum clérigo síndico (procurador e encarregado das questões económicas) do convento, que sempre contrariara, com a Abadessa, tudo o que Teresa queria para o Santo Cristo, ela diz: «Senti-a muito, [...] por [ele] não saber o fim que teve. Permita Nosso Senhor tê-lo na Sua glória. Pedia-Lhe [eu] com lágrimas eficazes não fosse com ele rigoroso em seu Juízo, que visse [já] fora relicário de Seu Corpo Sacramentado [pelo que deveria usar de misericórdia]».

⁷⁹ Pág. 59; refere-se ao mesmo sacerdote da nota anterior.

Em primeiro plano, um Cristo que também é compreensivo e perdoa: «[Eu] Me não lembro das ofensas que contra Mim cometem [os pecadores], quando arrependidos as choram, e sempre estou com os braços abertos para os receber»⁸⁰.

Seguidamente, a afirmação da perenidade de Deus, do Seu afecto e da Sua constância como a única segurança, o único futuro: «Tudo no mundo se acaba. Só Eu sempre permaneço!»⁸¹

Em terceiro lugar, a declaração muito clara, feita pela Madre Anunciada nas entrelinhas duma narração, de que, embora conheça e interprete bem o Santo Cristo, também ela é falível e sem Ele não é capaz de predizer: quando o seu confessor está muito doente, ela pede para ele melhoras de corpo e alma; como «não deferiu meu Senhor que melhora era, eu, enganando-me ser a do corpo», insistia erradamente com as irmãs que ele não morreria ainda⁸².

Por último, uma das mais importantes conclusões, retirada do modo como chega ao fim uma das Abadessas mais “contrárias” a este culto: de nada serve a capa do Senhor Santo Cristo, ou água por Si tocada, se a sua aplicação se fizer sem fé nem devoção, e sem a conversão interior que acarreta consigo total disponibilidade para executar a Sua vontade!⁸³

IV – OS OLHARES DOS OUTROS

Se na Autobiografia nos é transmitida a percepção da Madre Teresa da Anunciada quanto ao Senhor Santo Cristo, os olhares e sentires dos outros, seus contemporâneos, são detectáveis nos testemunhos recolhidos nos processos diocesano e franciscano e noutra documentação, maioritariamente referida atrás aquando da apresentação das fontes manuscritas para o conhecimento deste caso. A ideia geral que se forma deles é a de que o reconhecimento, pela comunidade conventual e pela sociedade local, da importância devocional a esta representação de Cristo se foi impondo ainda no século XVIII, e que foi envolvendo a sua principal obreira, por “contágio” mas também por apreço pela sua intervenção; rapidamente, mesmo em vida dela, o epíteto “dos Milagres” estendeu-se da imagem à zeladora.

⁸⁰ Pág. 153.

⁸¹ Pág. 160-161.

⁸² Pág. 111.

⁸³ Pág. 106.

Os relatos de alegadas intercessões da Madre Teresa, algo repetitivos quanto ao alívio em situações de opressão quotidiana (achques e dores de diversa índole), tornam-se mais interessantes quando respeitam a casos diferenciados. Aqueles que agora salientamos, apenas na perspectiva deste comentário à luz da História, têm de ser entendidos dentro do enquadramento teológico que ultrapassa o presente estudo.

A acção tranquilizante de Teresa da Anunciada é uma constante dos testemunhos, geralmente para males físicos mas também para questões religiosas e psicológicas (como salienta o Padre João Velho Machado no seu depoimento⁸⁴) ou até para tormentas marítimas – o que é um dado pouco divulgado. Uma das ocorrências relatadas pelo mesmo sacerdote na carta que dirige ao comissário franciscano para completar as suas declarações de poucas semanas antes é a de um estudante que em Agosto de 1740, numa corveta a caminho de Lisboa, viu parar uma tempestade após ter lançado ao mar uma das relíquias que consigo levava da Madre Teresa. Curiosamente, situação semelhante é descrita num texto que não é destinado à sua eventual beatificação ou canonização, mas sim à de uma sua contemporânea e companheira de convento, a Madre Francisca do Livramento, falecida em 1726 e cuja vida foi de imediato objecto do livro do seu confessor, Frei Manuel de S.Luís (que, tal como a biografada, foram opositores a várias das tentativas da Madre Teresa para dignificar o culto do Santo Cristo), *Instruções morais e ascéticas[...]*⁸⁵; houve para tal um inquérito, cujo teor se encontra no Arquivo do Santuário, e em 1744 foi realizada na ilha de Santa Maria uma audição de testemunhas sobre as eventuais intercessões desta Madre Livramento. Aí um seu devoto, o mestre (de embarcações) António da Costa, de uns 53 anos, diz que em Junho de 1737 ou 1738, vindo da ilha de S.Jorge para a de S.Miguel num barco carregado de vinhos, começou a ser perseguido por um navio de piratas argelinos, pelo que, aflito, «chamou pelo Senhor Santo Cristo e pelas Suas servas, que eram a Madre Teresa da Anunciada, que ainda era viva, e pela serva de Deus a Madre Francisca do Livramento»; como chegou a bom porto são e salvo, «em todas as suas necessidades e aflições do mar se vale do Senhor Santo Cristo pelas Suas servas sobreditas[...], lançando ao mar por muitas vezes, quando se via apertado, as relíquias que a sobredita Madre Teresa da Anunciada lhe tinha dado».

Dois breves comentários críticos nos ocorrem. O primeiro respeita à ironia dos tempos: não é que uma das “contrárias” à “freira do Senhor

⁸⁴ No processo franciscano, pág 142 da transcrição dactilografada pelo Dr. Hugo Moreira.

⁸⁵ Citado atrás, na nota 65.

Santo Cristo” acaba por ficar associada e confundida com ela na memória deste devoto?... O outro é, igualmente, relativo a um “contágio”, agora da imagem (que, segundo a tradição, deu à costa após naufrágio do barco em que era transportada) para a sua zeladora, passando esta a ser considerada como eficaz no amansar de tempestades e de outros perigos marítimos.

À fé de Teresa da Anunciada, à sua persistência em circunstâncias adversas e à sua capacidade de intercessão junto de Deus, em especial deste Jesus dolorido, vão-se juntando elementos activos de santidade, fulcrais na evolução do culto dentro da piedade popular: os poderes de cura e as relíquias. Quanto àqueles, é um facto irrefutável que «o elemento taumatúrgico era central –quase indispensável– na construção popular da santidade»⁸⁶. Por seu turno, as relíquias, que neste caso tanto são relativas à imagem como à divulgadora do seu culto, assumem uma função de aproximação dos crentes a Deus e à sua intermediária. Sem dúvida que o último confessor de Anunciada, Frei Manuel do Rosário, se encontrava perfeitamente ciente disto quando, assim que se certificou de que ela estava morta, «lhe tirou as contas do pescoço, [por]que por ser seu confessor ao presente conhecia que devia levar relíquias»; de imediato, assim que vieram as religiosas, a Comunidade, «princiaram-se a cortar relíquias, cabelos, e unhas, e da roupa que achavam», havendo mesmo uma sobrinha da falecida que lhe pediu permissão para recolher bastante sangue «para que tivesse relíquias que mandar aos parentes e pessoas que a respeito do Senhor Santo Cristo a veneravam em vida, nesta⁸⁷ e fora dela»⁸⁸. A este propósito, «recorda Delumeau que “a relação com o santo é ainda muito mais forte se houver contacto com as relíquias”. [...] Deverá, no entanto, compreender-se que esta infinda multidão de relíquias e milagres [constantes dos hagiológicos colectivos e das hagiografias individuais dos séculos XVII e XVIII], se conduzem à deturpação da fé e da devoção, constituem, por outro lado, indicadores de modelos de santidade e espelhos de ascetismo, humildade e desprendimento.»⁸⁹

Duas pequenas achegas a aspectos menos visíveis e menos conhecidos do aumento quer deste culto, quer da veneração à sua primeira res-

⁸⁶ Maria de Lurdes Rosa, «Hagiografia e Santidade», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. II – Letras C-J, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p. 330.

⁸⁷ Para boa compreensão da ideia falta aqui alguma palavra; será “cidade” ?

⁸⁸ “Memorial dos milagres que sucederam da Madre Teresa da Anunciada [...]”, atrás apresentado, fl. [1vº] e [2].

⁸⁹ João Francisco Marques, «Os itinerários da santidade: milagres, relíquias e devoções», in *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, p.361 e 365; a citação que faz refe-

ponsável: uma de três irmãs professoras no mosteiro de Santo André, em Ponta Delgada, filhas de um capitão local e escudeiro-fidalgo da Casa Real e de uma devota do Senhor Santo Cristo dos Milagres, escolheu para seu nome religioso “Teresa da Anunciada”⁹⁰; no Livro Quinto dos Óbitos do mosteiro de Nossa Senhora da Esperança, o mesmo em que estão registados os falecimentos das Madres Francisca do Livramento, Teresa da Anunciada e Teresa de Jesus Maria, entre muitas outras, pode ler-se que aí faleceu, em 1 de Dezembro de 1758, uma fâmula chamada “Joana do Santo Cristo”. Embora de pouca monta e confinadas a espaços conventuais, não deixam de ser ecos de uma devoção crescente.

V – CONCLUSÃO

Desta investigação histórica pode concluir-se que o culto ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, imagem do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança, em Ponta Delgada, ultrapassou depressa e em muito o iniciado pela freira clarissa Teresa da Anunciada cerca de 1681 e por ela desenvolvido até falecer, em 1738, no meio de importantes obstáculos e de oportunos auxílios.

Em primeiro lugar, esse culto é independente da menção à sua difusora: não só hoje há, da parte dos devotos, plena consciência de que rezam a Deus e não a ela, como podem ou não invocá-la por intercessora nas suas orações. Aliás, já em pleno século XVIII a piedade popular chegou a associar, indevidamente, o nome desta ao de uma das freiras opositoras a projectos seus de dignificação do espaço e do culto do Santo Cristo. Não se concretizou, portanto, o medo de algumas pessoas de religião (freiras, frades e padres seculares) contemporâneas de Teresa da Anunciada de que esta se apropriasse do sagrado inerente a este culto.

Em segundo lugar, também se revelou sem fundamento a desconfiança, por parte das mesmas pessoas, de que ela se quisesse aproveitar do prestígio decorrente das alegadas intervenções divinas através da imagem para assim passar a ser poderosa dentro do convento: ela nunca exerceu cargos directivos na comunidade, e afirma, na sua autobiografia escrita

re-se a Jean Delumeau, *Le Catholicisme entre Luther et Voltaire*, 3ª ed., Paris, P.U.F., 1985, p. 229.

⁹⁰ Nota nº 184 à Autobiografia, da autoria de Hugo Moreira. O pai era o capitão Manuel Rebelo da Câmara e a mãe Dona Ana de Medeiros Silveira, casados desde 1679.

sob controlo dos seus confessores, que a perspectiva, enunciada por um deles, de ser eleita abadessa a afligia sobremaneira.

Em terceiro lugar, esse culto e a realização de obras de beneficiação da imagem e do seu espaço envolvente não acarretaram encargos para o convento, uma vez que se custearam com as esmolas particulares das religiosas e de benfeitores de vulto, com destaque para os Condes da Ribeira Grande.

Em quarto lugar, a humanidade de Cristo é de tal modo contagiante a todo este culto que o livro que foi escrito pelo biógrafo da Madre Anunciada, o Padre José Clemente, veio desde o século XVIII e mantém-se, neste início do XXI, como algo que diz respeito a todos os crentes.

Em quinto lugar, saliente-se que a aura de virtude e de santidade de Teresa da Anunciada não foi, nunca, sequer posta em causa pelas suas opositoras.

Por fim, cumpre salientar que as descrições de vidas das denominadas, nos séculos XVII e XVIII, “pessoas ilustres em virtude” foram extremamente importantes na consolidação da piedade popular dentro dos parâmetros definidos e controlados pela ortodoxia católica: «na Época Moderna a “fama sanctitatis” destes [dos santos vivos] foi alimentada através da hagiografia, género que configurou quase todas as “escritas de vida” de pessoas “ilustres em virtude”, elevadas assim à categoria de modelos ou exemplos de perfeição que deviam suscitar quer a admiração quer a imitação. [...] Naquela época que tanto valorizou o apelo aos sentidos e aos sentimentos – na arquitectura, na pintura, na música, na literatura –, essas vivências individuais foram muitas vezes mais influentes que todas as leis, que todas as normas e que todos os controlos institucionais»⁹¹.

⁹¹ Maria de Lurdes Correia Fernandes, «Da santidade individual à santidade colectiva», in *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, p.37 e 38.

